Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

Temos sempre defendido que a Cultura não é uma instância isolada; que é parte integrante das vivências dos povos, que é uma ideia; que não é um produto; que as manifestações culturais não se resumem aos cestos de vimes e às canções populares; que são isso, mas que são mais, que são " espada plantada à beira da ternura/pássaro ardendo na amplidão do sangue/foice poema flor ou pedra dura", (citei Emanuel Félix). Temos sempre dito que tudo o que o PS deseja e tudo o que o PS reclama nesta Assembleia e no Governo Regional dos Açores é executado com o intuito de dar maior reconhecimento à Cultura, como factor económico, de integração social e de cidadania; para valorizar a diversidade cultural, para ensinar a fruir, para cultivar cultura nas pessoas e proporcionar-lhes, cada vez mais, o acesso ao mundo inteiro.
A nós, o que sempre nos moveu e move são as pessoas. Os seus gostos e os seus estilos. O seu tempo e a preservação do passado, orgulhosamente hasteado, como a "bandeira que nos guia", que, por um lado nos fixa a um modo de ser, estar e permanecer e, por outro nos permite seguir o caminho que entendermos, conscientes de que tudo fizemos para preservar a memória dos que estiveram, dos que estão e de todos os que vierem.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

Revimos os sistemas de apoios instituídos, quer para as actividades culturais, quer para a área do património, como é o caso do Regime Geral de Arquivos e de património arquivístico regional. Damo-nos bem com o nosso passado. Damo-nos tão bem com ele que cuidámos dele e quisemos mostrá-lo, sem vergonha. Para nós os bens patrimoniais são únicos e o desaparecimento de um deles é uma perda definitiva e um empobrecimento irreversível para toda a humanidade.
No domínio da política de conservação do nosso património é tempo de realçar quão extraordinariamente significativa é a obra que está feita e a que se está a fazer. Lembremos, pois, a Biblioteca Pública e Arquivo da Horta; a Casa Pimentel Mesquita – adaptação a

Biblioteca; a empreitada de ampliação do Museu dos Baleeiros; a Fábrica da Baleia do Boqueirão, na ilha das Flores; a Biblioteca Municipal de São Roque do Pico; a remodelação da igreja da Freguesia da Fajã de Baixo, as obras de ampliação do museu da Graciosa; as obras de conservação do museu de Angra do Heroísmo; as obras de conservação do Recolhimento de Santa Bárbara, em Ponta Delgada; as obras de conservação do Museu Carlos Machado; o Centro de Arte Contemporânea; a Casa Armando Cortes Rodrigues; o Núcleo de Arte Sacra, na Igreja do Colégio, em Ponta Delgada; a Biblioteca Municipal de Vila do Corvo; entre outros.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

Os edifícios que hoje estão construídos e remodelados nos Açores são condição essencial para a promoção cultural da nossa Região. De nenhum caso nos arrependemos e cada um deles cumpre agora o seu destino – são uma contribuição dos Açores para um mundo mais rico e variado e são mais uma forma de, não só alargar as possibilidades de escolha, como também, inventar novas formas de ver o horizonte. Queremos que a nossa comunidade crie vínculos de memória e participação. Por isso, não nos limitamos a dar nomes pomposos aos edifícios.
Não faz parte da política do Partido Socialista/Açores. Nós, no Grupo Parlamentar e no Governo dos Açores seguimos à risca o que escreveu Dietrich Schwanitz, escritor alemão, sobre cultura, e cito: " ela não pode apresentar-se como uma norma opressora, como uma tarefa desagradável, como forma de concorrência ou até sob a forma de uma arrogante adulação de si próprio."
Porque sabemos isto, não fazemos das igrejas armazéns, nem, por exemplo, da casa de Armando Cortes Rodrigues ou de nenhum outro vulto da cultura açoriana, um Centro de Estudos com cozinha, balneários e bar. É preciso muito mais do que o nome na placa e a fotografia para o jornal. Fazer só isso, sem princípios ou estratégia, é reduzir a política cultural a uma zona opaca, aonde se misturam, sem distinção possível, o afã mediático e " a arrogante adulação de si próprio".

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

É indiscutível, do nosso ponto de vista, que as transformações que foram feitas e que estão em curso ou que se preparam para acontecer, resultam do entendimento assertivo de que o património, além de ter valor artístico e representar memória histórica, é também um factor determinante para a construção da nossa identidade. É nossa convicção que a diversidade cultural é indispensável ao desenvolvimento dos Açores, devendo continuar a promover-se o contacto e a interacção com outras culturas. Porém, é fundamental que tenhamos identidade própria, sob pena de aqui, como em outros lugares no mundo, surgirem, situações de desentendimento e conflito.

Face a um mundo cada vez mais globalizado, não abandonaremos a defesa intransigente do nosso Património. Fá-lo-emos de forma transversal e consequente. É que, para nós, é, como sempre foi, tão prioritário construir estradas, escolas, portos e aeroportos, como fazer obras nos nossos museus e bibliotecas, criar incentivos para os agentes culturais ou, ainda, formar novos públicos, através de dezenas de actividades, que têm vindo a acontecer nas nossas escolas, bibliotecas e centros culturais.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

Muitos dirão que não é importante ou que é menos importante ou até, quem sabe, que não é nada importante. Não faz mal. Reconhecemos que são esforçados nos gestos, mas falhados na forma. É com orgulho na obra feita que assistimos à passeata dessas figurinhas. Deles, a literatura tratou com primazia, representando-os em personagens tão memoráveis como, por exemplo, o Eusebiozinho de Eça de Queiroz, a Alcoviteira de Gil Vicente ou o Sancho Pança de Cervantes. Mais pessimistas do que o Velho do Restelo; menos sonhadores do que o Principezinho de Saint Exúpery e menos, muito menos corajosos que Gomes Freire de Andrade de Luís Stau Monteiro, eles ainda não entenderam que: “ O verso é uma vitória sobre os limites da linguagem”, como escreveu Drummond de Andrade. É pena, mas urgente que descubram o avesso do mundo para deixarem de se perder nas rimas cruzadas, que só os têm conduzido ao enriço.

É pois de orgulho, Senhor Presidente da Assembleia, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo, de orgulho em ser açorianos, que falamos, sempre que nos pronunciamos neste parlamento sobre cultura. Orgulho, esse, que está intrinsecamente relacionado com outras ideias como identidade, criatividade e equilíbrio.

É, pois, com base nisto, que nos regozijamos, também, com o que representa de inovação o Centro de Conhecimento dos Açores, a Rede Regional de Museus; a classificação da Baía de Angra do Heroísmo, como parque arqueológico Subaquático; a criação de uma enciclopédia açoriana; com o Sucesso da Orquestra Lira Açoriana, entre tantos outros acontecimentos culturais.
Não podemos deixar de mencionar o concurso LabJovem, a enorme adesão dos nossos jovens criadores; a criação do Laboratório Escola-Móvel de Teatro; o Música Açores, Festival de Música Contemporânea e a imensa efervescência de agentes culturais, que organizados em associações e/ou empresas têm trazido ao arquipélago essa nova cadência de movimentos, tão dignificadoras das Democracias saudáveis e de pleno fôlego, que o Partido Socialista/Açores, não só tem defendido, como tem exercido. São cada vez mais e melhores os incentivos a diferentes práticas, quer seja nas ruas, nas escolas, nas oficinas, nos workshops, nos concertos abertos, nas livrarias. Tudo temos feito para, por um lado, fomentar a actividade cultural, enquanto forma de preservação da identidade colectiva e, por outro, potenciar um desenvolvimento equilibrado da comunidade açoriana.

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

A convenção da Unesco sobre a protecção e a promoção da Diversidade das Expressões Culturais, aprovada no ano de 2005, reconhece a importância da sabedoria tradicional e admite a necessidade de tomar medidas para proteger a diversidade das expressões culturais e respectivos conteúdos. Tais desígnios, explicitamente referenciados, nos pontos oito e nove da supracitada convenção encontram real representação nos Açores, em fenómenos tão importantes e emblemáticos da nossa identidade, como as Festas do Espírito Santo, que se realizam em todas as ilhas dos Açores, as festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres ou, por exemplo, as Danças e Bailinhos de Carnaval, na ilha Terceira.

São traços característicos e indeléveis de uma identidade substancialmente relacionada com a vivência dos ilhéus. É, assim através dessa marca orgulhosamente assumida por todos os nossos antepassados, por nós presentemente e pelos nossos filhos e netos, certamente, que os Açores respiram.

Sabemos que a contínua abertura dos Açores ao mundo, trará ainda mais novas formas de fazer cultura, o que, no que respeita ao Partido Socialista/Açores nos tranquiliza. O concurso internacional Azores Combo Artcamp foi disso exemplo. O LabJovem já o tinha sido e basta a cada um de nós andar pelas cidades, vilas e freguesias dos Açores para perceber que como, escreveu Álamo de Oliveira, "talvez seja possível ainda pintar gaivotas na testa".

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhora e Senhores Membros do Governo,

A Cultura é geradora do conhecimento transformador e tem importância eficaz na descoberta de novos paradigmas de desenvolvimento.

Mas, tudo isso só acontece, quando se consegue compreender que a tradição não é o passado da modernidade, que a modernidade não é o futuro da tradição e que, uma e a outra são primordiais para fortalecer a nossa identidade, através de tudo o que ambas constroem de saberes, artes, religiosidade, festividades e celebrações e de como tudo isto se situa em permanente diálogo com os novos desafios.

O tempo que ainda falta ditará a verdade sobre quantos de nós, serão ou não capazes de entender, que se as ilhas são " um lugar de embarcar em barcos de papel", como deixou dito o poeta José Martins Garcia, nada nos move melhor, com efeitos mais decisivos e socialmente responsáveis, do que o orgulho em ser daqui, destas ilhas.

Os sonhos são possíveis. Vivê-los também…

Disse!...

A deputada Regional
Mariana Matos